

A POÉTICA DE RUI TORRES: DIÁLOGOS TRANSVERSAIS DA CIBERPOESIA LUSÓFONA

Raphael Silva Gomes Thomas*1 (IC) raphathomas@hotmail.com

Débora Cristina Santos e Silva 2 (PQ).

1 Bolsista PIBIC/CNPQ. Graduando do curso de Letras do CCSEH/UEG. Membro do Grupo de Pesquisa ARGUS – Estudos de Cultura, Linguagem e Comportamento/ Diretório CNPq.

2 Docente do PPG em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT/UEG) e do Curso de Letras do CCSEH/Anápolis. Coordenadora do GP ARGUS/CNPq. Bolsista BIP/UEG.

Resumo: Juntamente com o advento da hipermodernidade, surgiram as tecnologias digitais que se tornaram indispensáveis para a manutenção de um cotidiano marcado pela comunicação de massa. Por essa razão, Lemke (2010, p.456) assinala que “todo letramento é letramento multimidiático.” Nesse sentido, é imprescindível considerar a práxis pedagógica e as experiências dos educandos como permeadas pela Cibercultura e pelo hipertexto. Diante desse contexto é que se contempla aqui a ciberpoesia de Rui Torres, uma vez que suas produções têm caráter interativo e engajado com as mais prementes questões da modernidade líquida (BAUMAN, 2003). Sendo assim, este trabalho tem como objetivo principal apresentar os resultados finais de uma pesquisa que visa investigar a Cibercultura, no âmbito dos processos de leitura e escrita, subsidiados pelas mídias digitais, e discutir as especificidades, as multisssemioses e multimodalidades do texto poético digital. Para isso, propõe-se uma intervenção na escola por meio de propostas didático-pedagógicas que favoreçam a fruição e a produção de poesia digital em sala de aula, a partir das publicações de Rui Torres.

Palavras-chave: Cibercultura. Ciberpoesia. Práticas pedagógicas. Rui Torres.

Introdução

Não restam dúvidas de que as tecnologias digitais, desde há algum tempo, vêm se tornando algo necessário à vida das pessoas e, no contexto da cibercultura contemporânea, essa dependência torna-se cada vez maior. Este artigo apresenta os resultados e reflexões da pesquisa realizada por nós, no âmbito do grupo de pesquisa ARGUS que, por meio de oficinas, minicursos e publicações, visa propor metodologias que possam tornar o ensino escolar mais plural e significativo. Assim, esse projeto buscou observar o modo como a escola está se comportando dentro do cenário da cibercultura, principalmente no que tange à prática do ensino de literatura, no intento de alcançar melhorias no desempenho escolar dos alunos.

Com efeito, grandes mudanças foram sentidas no funcionamento da vida social. Entre elas, se destacam o encurtamento de distâncias e a facilidade de comunicação, pois devido ao surgimento de aparelhos eletrônicos e a globalização da internet, o mundo está se tornando cada vez mais conectado. Sobre essas mudanças, Rojo (2009, p. 106) assinala:

[Tais] mudanças fazem ver a escola de hoje como um universo onde convivem letramentos múltiplos e muito diferenciados, cotidianos e institucionais, valorizados e não valorizados, locais, globais e universais, vernaculares autônomos, sempre em contato e em conflito, sendo alguns rejeitados ou ignorados e apagados e outros constantemente enfatizados.

Para Rüdiger (2011), o ciberespaço é um ambiente feito de forma artificial, criado pelas tecnologias e projeções digitais e imaginárias dos indivíduos, que interagem direta ou indiretamente por esse meio, incluindo as práticas e representações que aparecem e se desenvolvem com o avanço da vida cotidiana. Portanto, o ciberespaço é um *locus* virtual, sem fronteiras, em que as pessoas se comunicam. Assim como toda atividade humana, a cibercultura ainda está sendo moldada; é uma nova forma de pensar, de criar novas vivências com essas tecnologias e um ambiente viabilizado por elas. Diante desse contexto é que se contempla aqui a ciberpoesia de Rui Torres, uma vez que suas produções têm caráter interativo e engajado com as questões mais prementes de uma modernidade “líquida” que, segundo Bauman (2003), é caracterizada pela fragmentação do indivíduo e fluidez das relações sociais.

Assim como assinala Levy (1996), no hipertexto e criações digitais, toda leitura se configura num ato de escrita. Desta forma, a ciberpoesia faz com que, por meio do computador e suas variadas funções, a leitura e escrita em meio digital tomem diferentes proporções e significados, caracterizando-se como um texto caleidoscópico que se realiza sob o efeito da interação com um usuário. Além disso, a poesia de Torres é bastante engajada socialmente, pois em suas obras e produções, ele retrata os problemas enfrentados pela sociedade contemporânea, nas quais convergem mídias e linguagens em formato de áudio, narrativas, fotografias e animações, desenvolvendo uma linguagem cine-verbi-voco-visual.

Eis, portanto, uma poética que, além de mediar novas práticas pedagógicas, também é essencial na fruição, recepção e formação de novos leitores, posto que aproxima os papéis de autor e leitor dentro do efeito estético pretendido pelo autor. Afinal “o leitor em tela é mais ‘ativo’ que o leitor em papel: ler em tela é, antes

mesmo de interpretar, enviar um comando a um computador para que projete esta ou aquela realização parcial do texto sobre uma pequena superfície luminosa.” (LEVY, 1996, p.40). E isso já é bastante para justificar o interesse pelo objeto desse trabalho, uma vez que se propõe a investigar a produção e fruição da poesia em meio digital e como a escola pode usufruir dessa produção.

Assim, investigar, propor e apresentar os processos de produção literária, no contexto social da cibercultura, visando o meio escolar, poderá acarretar ganhos significativos no processo de ensino. Compreendemos cibercultura aqui na concepção de Rudiger (2011), sendo esta, portanto, o conjunto das práticas e representações que aparecem e se desenvolvem com o avanço da vida cotidiana, pelas tecnologias da informação, no ciberespaço e suas influências fora dele. Com efeito, é imprescindível considerar as experiências dos educandos como permeadas pelas práticas hipertextuais de leitura e escrita, que produzem textos que se caracterizam cada vez mais por links e nós e por multissemióticas. Nesse aspecto, Barbosa assinala: “[...] As textualidades inauguradas com o advento da informática, caso do texto virtual, do texto automático, do texto generativo ou do hipertexto, requerem uma correspondente forma outra de encarar o texto e a construção do sentido”. (BARBOSA, 2004, p. 11).

Efetivamente, o hipertexto se caracteriza por ser um meio democrático e se projeta na tela de uma forma diferente do texto convencional (impresso) e passa a exigir novas formas de leitura e interpretação. Sendo assim, o leitor se sente livre para seguir o caminho desejado no texto, não necessariamente tendo que optar por uma leitura sequencial. A esse respeito nos esclarece Reis (2006, p.47):

O leitor pode encontrar-se conformado com textos em perpétua transformação, para os quais qualquer tipo de fixação, ao serem impressos, representa serem truncados, no fundo adulterados. Esta particularidade é especialmente notória nos hipertextos e outras modalidades discursivas que constituem sistemas informatizados de gestão de conjuntos de fragmentos díspares e dispersos e proporcionam um tratamento tipográfico dinâmico da informação em função dos percursos de leitura do utilizador.

Diante disso, o hipertexto se caracteriza principalmente pelos vários caminhos disponíveis e pelas opções distintas para se seguir dentro de um mesmo texto, propondo que o sujeito leitor tenha um leque de possibilidades e, de forma autônoma e por escolhas subjetivas, siga o caminho que mais lhe convém.

A esse respeito, assinala Pedro Reis:

Verifica-se interactividade (sic) quando um leitor age sobre os percursos de leitura, quer sejam ou não totalmente predeterminados pelos conceptores, visto que, no decorrer desses percursos, pelas suas respostas às propostas do computador, o leitor pode operar variações textuais, alterar o desenrolar do texto que está a ler e, por vezes, mesmo o seu conteúdo. (REIS, 2006, p. 48).

Para Silva (2009, p. 35), “há uma inegável diferença entre a escrita linear e analógica dos leitores do livro impresso e a dinâmica e dialógica feita pelos internautas de hoje na tela do computador”. Com isso, a leitura vem se dinamizando frente à tela, o que transforma a relação dos alunos com os textos escritos. Por esse contexto de leitura e produção textual tão dinâmicos, essa pesquisa se justifica e foi desenvolvida no intuito de instrumentalizar melhor o aluno para o exercício mais eficiente de suas competências comunicativas, nas práticas sociais de leitura e escrita na vida cotidiana.

Material e Métodos

O projeto global foi executado em duas grandes etapas com o desenvolvimento conjunto de atividades relativas a cada subprojeto. No primeiro semestre (2016/2), foi realizada uma pesquisa preliminar para levantamento bibliográfico, em bancos de dados, anais de eventos, revistas da área, entre outras fontes e suportes que contemplam o objeto de estudo, no intuito de verificar o estado de arte da temática. Nessa etapa, foram realizados encontros semanais de discussão teórica conjuntamente com a coordenadora do projeto, fichando-se os resultados das discussões e das leituras. Tais fichamentos têm sido utilizados para a produção de artigos teóricos (alguns já publicados em eventos), além de ampliar a compreensão dos textos e a divulgação do projeto, fortalecendo o debate e consolidando o conhecimento adquirido.

Neste último semestre (2017/1), já na segunda etapa da pesquisa, foram realizadas oficinas de capacitação de leitura e de escrita criativa, que promovessem o letramento literário e a recepção de poesia em meio digital, tendo como público alvo estudantes da rede pública estadual, no Município de Anápolis-GO. A investigação foi desenvolvida por meio da pesquisa qualitativa, de caráter interpretativista. A coleta de dados aconteceu em três etapas, sendo que, na fase

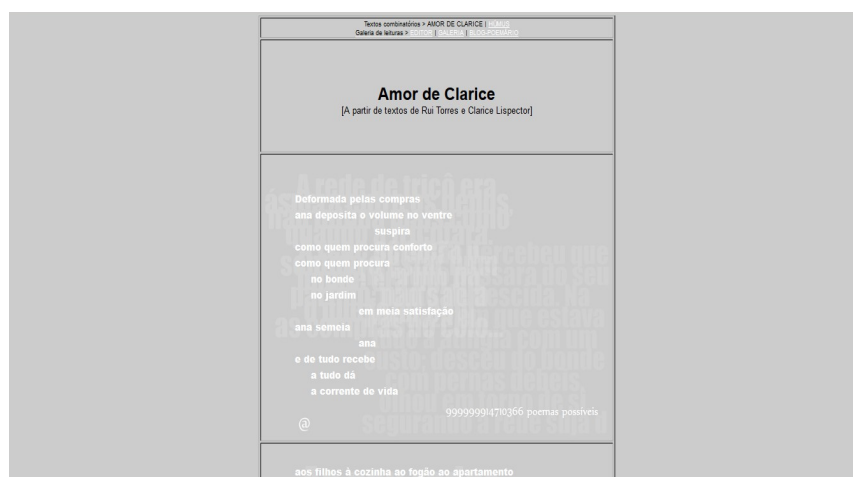
inicial, a investigação teve o caráter predominantemente documental e argumentativo, uma vez que os momentos culminantes foram às análises das metodologias para o ensino da leitura e escrita, bem como os desafios para o alcance do multiletramento dos alunos. Em seguida, foram realizados os procedimentos nas escolas-campo por meio das oficinas, planejadas e executadas pelos pesquisadores do GP ARGUS.

Resultados e Discussão

No que tange obras ciberpoéticas, esse trabalho tem como objetivo relacionar a obra do web-poeta Rui Torres (artista que retrata de forma interativa e crítica sobre o fazer poético, possui vários poemas animados e interativos, que publica virtualmente) com as práticas de ensino de literatura na escola, bem como apresentar aos alunos outros ciberpoetas importantes do cenário do ciberespaço.

Para efeito de ilustração, apresentaremos, de forma sucinta, uma das produções que trazem à luz a ciberpoesia crítica de Rui Torres, que foi utilizada como material didático-pedagógico em oficinas de fruição poética, ministradas em escolas da rede pública do estado de Goiás. Desta forma, tomemos como exemplo o ciberpoema “Amor de Clarice”, disponível o blog de criação de poemas, por motores textuais, intitulado Poemário:

Figura 1 – Print do blog Poemário, de Rui Torres



Fonte: www.telepoesis.net/poemario

Nesse blog, Rui Torres dedica sua poética a contemplar temáticas da contemporaneidade, ganhando destaque aspectos decorrentes do materialismo e do consumismo, que por sinal, é muito bem trabalhado em sua série de ciberpoemas intitulada *poemAds – sob o signo da destruição*, usando para isso motores textuais e algumas animações. Desta forma, o autor também faz releituras de obras clássicas de outros poetas, tais como Salette Tavares, Herberto Helder, Melo e Castro e Clarice Lispector, sempre a partir desse novo papel que o computador passa a desempenhar, tornando-o, assim, um instrumento não somente de leitura e de armazenamento de informações, mas também de criação literária, uma vez que é um manipulador de signos verbais e de complexidades cine-voco-visuais.

Nesse contexto de fruição poética, por meio de ferramentas digitais, Rui Torres utiliza os motores textuais para fazer releituras de grandes obras, assim se faz a produção do ciberpoema “Amor de Clarice”. A princípio, trata-se apenas de uma releitura do conto “Amor”, da escritora brasileira Clarice Lispector, mas concomitante a esta releitura, Rui também incorpora softwares de criação digital (os motores textuais) no blog Poemário - uma aplicação programada em Actionscript 3.0 que permite aquele que está lendo construir diferentes e novos textos a partir do que lhe foi disponibilizado antes. Por meio deste software, o leitor pode decidir, dentre um vasto eixo paradigmático disponível, palavras que lhe agradem no momento de sua fruição poética e com isso pode alterar a semântica textual, no eixo sintagmático, segundo sua livre criatividade.

Efetivamente, no âmbito da criação digital, uma nova postura é exigida do autor e do leitor, como bem assinala Pedro Barbosa, defendendo que este último participa de um novo processo de escrita e de leitura, bem como de significação do texto, abrindo inúmeras possibilidades de interpretação a respeito de um mesmo poema, que se mostra a cada acesso, único, sendo por isso plural e polissêmico. Quanto a isso, em interessante analogia com a teoria quântica, Barbosa assinala:

Esta é a admirável abertura trazida à teoria do texto (e a toda a semiótica) pela concepção da realidade na perspectiva quântica. O universo, ao deixar de ser concebido como um mecanismo de relojoaria (caso do mecanicismo clássico), abre-se à renovação imprevisível do sentido, numa perspectiva semiótica. (BARBOSA, 2006, p. 26)

A respeito dessa interatividade, Pedro Reis esclarece:

As potencialidades dos media digitais aplicadas a criação literária levam-nos, pois, a identificar condições inéditas de produção que transformam e transtornam desde logo a noção de texto da literatura dominante enquanto realização verbal impressa, logo fixa e inalterável, assim como conferem renovadas possibilidades a características já conceptualizadas em tendências experimentais anteriores ao mesmo tempo que permitem a criação de novas características textuais. (REIS, 2006, p.46)

Deste modo, na obra de Rui Torres, o leitor não é apenas leitor, visto que ele se realiza como coautor de uma obra poética, uma vez que os poemas necessitam da interação proposta pelo ciberespaço entre a obra e aquele que a lê.

Apresentaremos agora brevemente os resultados finais de nossa experiência com a pesquisa, tendo em vista a práxis pedagógica, desenvolvida pelo grupo Argus, por meio de oficinas sobre cibercultura e ciberpoesia, durante o primeiro semestre de 2017. As intervenções em ambiente escolar aconteceram no Colégio da Polícia Militar Arlindo Costa, localizada na rua Frei André, na Vila Santa Isabel, um importante bairro da zona norte da cidade de Anápolis-GO. As oficinas foram realizadas nas duas turmas de 9º ano do colégio e foram divididas em duas etapas. Assim sendo, cada turma participou de duas oficinas: uma primeira, em sala de aula para apresentação e esclarecimento dos conceitos e da vida e obra dos autores que norteiam este trabalho, até então desconhecidos pelos alunos (Nesse caso, incluímos alguns poemas de Antero de Alda, web-poeta português, objeto de pesquisas anteriores).

Figura 2 – Pesquisador mediando a discussão inicial com os alunos



Fonte: Arquivos do pesquisador

As oficinas foram realizadas no mês de junho. Passaremos aqui a dois relatos ilustrativos. Na primeira, os alunos foram recebidos na sala por nós e pelas pesquisadoras Caroline Franciele e Anna Karollyne, sob a orientação da Profa. Débora Silva. Inicialmente, foi realizada uma breve dinâmica. Nesta dinâmica, uma caixa com alguns textos, sob a forma do gênero meme, foi passada de mão em mão para que cada aluno selecionasse um meme diferente. Em seguida, foi proposto que se construísse uma narrativa a partir dos memes. Começamos, então, a contar uma história e, ao parar, os alunos continuaram a contar a mesma história, introduzindo em sua fala o meme que haviam escolhido anteriormente. Após este primeiro momento, foram apresentados aos alunos, alguns conceitos como os de cibercultura, ciberliteratura e ciberpoesia. Em seguida, por meio de datashow, foi mostrada aos educandos a vídeo-poesia de Arnaldo Antunes e também os sites www.telepoesis.net/poemario, de Rui Torres e www.anterodealda.com, de Antero de Alda, com algumas discussões. Assim, eles puderam ver como funcionam os sites e como a ciberpoesia assume o papel principal neles. Depois disso, foi proposta a realização de um exercício, com o objetivo de prepará-los para produzirem seus próprios poemas. O exercício foi realizado com o poema “O colar de Carolina”, de Cecília Meireles.

Figura 3 - pesquisador orientando os alunos na produção em meio digital



Fonte: Arquivos do pesquisador

Na segunda oficina, foi proposto aos alunos que eles produzissem seus próprios poemas em meio digital. Para isso, a oficina foi realizada no laboratório de informática do colégio. Em cada computador, havia uma página aberta e outras duas

minimizadas; a que estava aberta era o site: <http://www.anterodealda.com/> e as que estavam minimizadas eram os blogs: www.telepoesis.net/poemario e <http://pensandociberliteratura.blogspot.com.br/>. Na página aberta, os alunos navegaram por alguns minutos, interagindo com o site. Logo após, entraram no site de Rui e reescreverem por meio de motores textuais o ciberpoema “Amor de Clarice”. Em seguida, mais uma vez os educandos foram orientados a entrarem no blog do grupo Argus e a realizarem uma atividade neste blog. A proposta da atividade denominada “Eu sou o celular!” era que, a partir de um objeto cotidiano, os alunos criassem um poema e postassem no blog. Depois de compreenderem bem esta proposta e decidirem sobre qual objeto falariam em seus poemas, os alunos receberam nosso acompanhamento individual e dos colegas pesquisadores Érick Samuel e Karinne Araújo.

Com efeito, um meio bastante utilizado hoje em dia por essas novas tecnologias para interação de linguagens e convergências midiáticas é o espaço dos blogs que, segundo Miller (2012), se tornaram uma nova possibilidade de retórica pela tecnologia, que servem para as pessoas compartilharem informações, se comunicarem e fazerem arte e criações digitais. Foi exatamente para explorar essa ferramenta em meio digital, que criamos o blog Pensando Ciberliteratura: navegando, pensando, escrevendo..., no qual desenvolvemos atividades de leitura e escrita criativa com os alunos nas oficinas ofertadas.

Considerações Finais

De tudo o que foi apresentado neste trabalho, se destaca e é bastante perceptível a grande mudança que o ensino tem sofrido ao longo dos anos e, apesar de geralmente as tecnologias digitais serem vistas com certa desconfiança por muitos dos educadores, este quadro está gradativamente mudando.

Diante disso, trabalhos como este, apresentando resultados positivos quanto ao uso das novas tecnologias no auxílio do ensino de leitura e escrita, têm surgido nas universidades e sido levados para o conhecimento de educadores e gestores da educação, fazendo com que a escola veja que os fenômenos decorrentes da Cibercultura, como a ciberliteratura e, conseqüentemente, a ciberpoesia, podem ser associados ao trabalho pedagógico com as multimídias, de forma positiva, a fim de despertar nos jovens alunos o interesse de conhecer obras de nossa literatura, tanto

no meio impresso quanto no digital

Agradecimentos

Agradecemos a todos os membros do GP ARGUS pela essencial contribuição no projeto. A nossa querida orientadora e fundadora do GP ARGUS, professora Dra. Débora Silva. À Pró-Reitoria de Pesquisa da UEG pelo patrocínio da bolsa CNPQ-UEG e ao CPMG Arlindo Costa pelo espaço cedido para a realização das oficinas propostas pelo grupo.

Referências

BARBOSA, Pedro. Aspectos quânticos do cibertexto. In: TORRES, Rui (Org). **Cibertextualidades**. UFP: Centro de Estudos Informático e Cibercultura, n.1 v. 1, p. 11-42, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Zahar, 2003.

LÉVY, Pierre. **O Que é o Virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

REIS, Pedro. Media digitais: novos terrenos para a expansão da textualidade. In: TORRES, Rui; (Org). **Cibertextualidades**. UFP: Centro de Estudos Informático e Cibercultura, n. 1 v.1, p. 43-52, 2006.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 128 p.

RÜDIGER, Francisco. As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores. **Porto Alegre: Sulina**, 2011.

SANTOS, Maurício Gabriel et al. Uma visita ao hipermercado dos poemads: do prosaico ao poético. **Anais da Jornada de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão da UNUCSEH**, v. 1, n. 1, 2014.

SILVA, Debora. Do verbo ao pixel: interfaces do poético em hipermídia. In: Torres, Rui; BAIRON, Sérgio (Orgs). **Cibertextualidades**. UFP: Centro de Estudos Culturais, da Linguagem e do Comportamento, n. 3 v. 1, p. 31-41, 2009.